

UM OLHAR SOBRE A LITERATURA INDÍGENA

ALESSANDRA STEILMANN¹; CRISTINA MARIA ROSA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – ale.ufpel@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Defendo, concordando com QUEIRÓS (2009), que o acesso à Literatura é de imensurável valor na sociedade letrada contemporânea e, tratando-se de uma literatura que representa cerca de 896,9 mil brasileiros, pertencentes a 305 etnias e que falam 274 idiomas (BRASIL, 2010), é plenamente justificável o estudo. Além disto, destaco as leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório os temas Indígenas e Africanos nas escolas e acredito que a Literatura pode ser uma grande aliada para introduzir e aprofundar esses temas não apenas em datas comemorativas, mas durante o ano todo.

O principal objetivo do projeto será de encontrar livros de Literatura Indígena Brasileira em acervos escolares. A partir disto, pode-se ampliar o acervo da Sala de Leitura Erico Verissimo e o repertório do grupo de bolsistas do PET Educação. Para isso, será desenvolvida a análise sobre a lista de livros que compõe a “Maleta LIA”, que é fruto de um projeto desenvolvido na capital do Rio de Janeiro desde 2008, quando houve o início da escolha das obras e 2013, ano em que a maleta foi entregue em escolas da cidade. Essa maleta possui obras de Literatura Indígena e Africana (LIA), porém apenas os livros com a Temática Indígena serão analisados. No entanto, antes de iniciar a escolha de leitura das obras, fez-se necessário buscar conhecer com mais profundidade o conceito de Literatura Indígena e a sua importância na luta dos povos indígenas.

É importante salientar, também, o conceito de alfabetização literária, que segundo ROSA (2019):

É o processo de apresentação da literatura a todos. Composto por três atributos que a adjetivam – deliberação, constância e qualificação – significa que a formação do gosto por ler literatura não pode ser aleatório, eventual e desprovido de critérios. (ROSA, 2019)

De acordo com THIÉL (2013), a Literatura Indígena difere-se da “Literatura indianista” e “Indigenista”. A literatura indianista, segundo a autora, “refere-se mais especificamente à literatura do período romântico brasileiro, voltado para a construção de uma identidade nacional”. A indigenista, é aquela produzida por não-índios “e tratam de temas ou reproduzem narrativas indígenas”. Já a Literatura Indígena é produzida pelos próprios indígenas

[...] segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares. As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos (THIÉL, 2013, p. 1178).

Daniel Munduruku, em entrevista publicada em 2016, afirma que a literatura não é apenas “a arte da escrita”, mas também é compreendida como parte da cultura indígena e explica que “a cultura indígena não faz distinção entre os saberes”, e assim como os grafismos, a dança e o canto, é uma manifestação cultural.

Nesta perspectiva, o presente texto se justifica como um processo de qualificação pessoal, enquanto mediadora e futura alfabetizadora literária. Estudos, leituras literárias e teóricas são importantes e organizam a escolha de livros (o que ler, quando, como) e, tenho certeza, potencializarão minhas escolhas. O foco não é segregar nenhuma cultura, mas, sim, que as obras selecionadas possam ser uma forma de “diálogo ecológico com uma lógica intercultural” (FERRÃO CANDAU, 2014, p 40).

2. METODOLOGIA

A Literatura Indígena permite que a voz dos muitos povos indígenas que estão presentes no Brasil, não só em aldeias locais, mas também no contexto urbano, seja ouvida sem que haja um narrador intermediário. Caracteriza-se, também, como um instrumento de resistência e autoafirmação, sendo uma alternativa para a luta contra o epistemicídio e a falta de legitimidade dos conhecimentos oriundos das tradições dos povos indígenas.

A pesquisa em acervos integra-se à abordagem qualitativa, embora conhecer a quantidade de obras em um acervo seja considerado um procedimento quantitativo. Assim, a investigação que estou realizando pode ser considerada uma mescla entre as duas abordagens. A metodologia de pesquisa é descrita por Minayo (2002, p. 16) como a confluência de “concepções teóricas de abordagem”, “conjunto de técnicas” que possibilitam a observação e análise da realidade e a influência do “potencial criativo do investigador”.

De acordo com essa abordagem, optei por procedimentos que, primeiro, sustentassem teoricamente a investigação e, logo depois, passei a inventariar a LIA, ou seja, analisar os autores das obras da Mala LIA, considerando a quantidade de obras, seus temas, enredos, projetos. O intuito foi delimitar um *corpus* adequado à Alfabetização Literária de crianças e adolescentes que frequentam escolas públicas. Considerar peculiaridades que pudessem surgir foi a próxima orientação metodológica e, por fim, escrever as conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Maleta LIA é composta por 181 obras organizadas em três grupos: **1.** Livros de literatura e de formação, para diferentes anos de escolaridade; **2.**

Específico: 6º a 9º ano; **3. Bibliotecas Escolares Municipais:** Outros títulos identificados nos acervos das Salas de Leitura. Para divulgação de seu conteúdo, foi organizada em tabelas que possuem quatro colunas, com título, autor, editora e temática. Destas, 71 são correspondentes à Literatura Indígena de 43 autores diferentes editados por 34 editoras. Essas primeiras informações oportunizam inferir que, na Maleta LIA, há livros de Literatura Indigenista e Indígena, pois há produções de autores indígenas e não indígenas sobre as lendas e a cultura indígena.

Quanto aos autores, além dos 43 nomes citados, em uma das obras a autoria é atribuída a “PROFESSORES TICUNA” e, em outra, a “VÁRIOS AUTORES”. Citado 20 vezes, Daniel Munduruku capturou minha atenção. Com mais de 40 obras editadas, constatei a sua importância para o movimento de Literatura Indígena. Assim, decidi focar na leitura de suas obras inseridas na LIA e compor sua biografia. Segundo NAVARRO (2014, p. 15):

Daniel Monteiro da Costa é o nome de batismo do indígena Daniel Munduruku, ou ainda Derpó Munduruku, nome na sua etnia, cuja população é hoje de aproximadamente 12.000 índios distribuídos em diferentes estados, como o Pará (onde nasceu e cresceu), o Amazonas (onde ocorreu o primeiro contato com a sociedade brasileira) e Mato Grosso (para onde migraram algumas famílias Munduruku, na década de 1980). NAVARRO (2014, p. 15)

A primeira publicação de Munduruku ocorreu em 1996, com *Histórias de Índio*, um livro que surpreendeu por ser a primeira vez que um indígena publicava um texto para o público infantil não-indígena (NAVARRO). Quanto às obras citadas na lista analisada, são as seguintes: *A palavra do Grande Chefe*, *As serpentes que roubavam a noite e outros contos*, *Catando piolhos, contando histórias*; *Coisas de Índio*; *Coisas de Onça*; *Como Surgiu-Mitos Indígenas Brasileiros*; *Contos Indígenas Brasileiros*; *Crônicas de São Paulo: Um Olhar Indígena*; *Histórias que eu vivi e gosto de contar*; *Kabá Darebu*; *Meu avô Apolinário*; *O Banquete dos Deuses*; *O Segredo da Chuva*; *Tempo de Histórias*; *Um estranho sonho de Futuro*; *As Peripécias do Jabuti*; *Caçadores de Aventuras*; *O Karaíba – uma História do Pré-Brasil*; *O Onça*; *Parece que foi ontem*. Diante desta lista, de autoria de um único escritor, pude perceber que há muito a ser estudado sobre a Literatura Indígena.

4. CONCLUSÕES

Este estudo é fruto de inquietações e descobertas que aconteceram no decorrer de minha vida acadêmica em algumas poucas disciplinas em que fui instigada a questionar profundamente e (des)construir minhas convicções e conceitos, bem como revisitar a cultura na qual cresci. Aliado a isso, sempre tive o apoio do grupo do PET Educação, do qual sou bolsista para expressar, refletir e extrair o melhor das angústias e conflitos internos que ocorreram ao longo desta

caminhada. Caracteriza-se, também, como o início de um processo de formação que será indubitavelmente significativo para a minha vida profissional. Apesar de aparentemente simples e inicial, as leituras teóricas e pesquisa descritas neste texto possibilitaram que eu me sinta mais segura durante a escolha de livros de literatura indígena e na argumentação quando questionada do por que ler e o que é a Literatura Indígena.

Apesar da invisibilidade em parte considerável da educação básica e do ensino superior, a produção de livros indígenas já vem ocorrendo há tempos. Durante a composição do “estado da arte”, títulos de outros autores indígenas surgiram e chamaram a minha atenção. Assim, considero ser possível definir um *corpus* de livros a serem lidos e indicados a integrar as bibliotecas escolares. Penso, por fim, que a Literatura Indígena não deve ser restrita a escolas indígenas ou àquelas nas quais indígenas estudam, uma vez que não são dirigidas ao público indígena apenas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de marco de 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10/09/2019.

BRASIL. Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Instituto brasileiro de geografia e estatística. Censo 2010: terras indígenas. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>>. Acesso em 25/03/2019.

FERRÃO CANDAU, Vera Maria. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Educação, vol. 37, núm. 1. pp. 33-41. PUCRS. Porto Alegre, Brasil. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf.

MUNDURUKU, Daniel. **Episódio completo: Quando a pena do índio escreve. Super Libris.** SescTV. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c_amh3-rq>. Acesso em 30/07/2019.

NAVARRO, Marco Aurélio. **Daniel Munduruku: o índio-autor na Aldeia Global.** Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: UPM: 2014.

THIÉL, Janice Cristine. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural.** Educação & Realidade, vol. 38, núm. 4. 2013, p. 1175-1189. Porto Alegre, Brasil.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Manifesto por um Brasil Literário.** Movimento por um Brasil Literário, 2009. Acesso em 07 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.brasilliterario.org.br/manifesto/o-manifesto/>

ROSA, Cristina Maria. **Pequeno Glossário: Alfabetização Literária.** Pelotas, 2019. Disponível em: <<http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2019/01/pequeno-glossario-alfabetizacao.html>>. Acesso em 11 de setembro 2019.